

ESTADO DE MINAS

Jornal mineiro, diário e matutino, fundado em Belo Horizonte em 7 de março de 1928 por Juscelino Barbosa, então diretor do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo, ambos membros do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, atual Câmara Municipal.

NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Na época da fundação do jornal, Juscelino Barbosa era diretor do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, enquanto Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo eram ambos membros do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, atual Câmara Municipal. Os três fundadores formaram uma sociedade sob a razão social Estado de Minas Sociedade Limitada. Pedro Aleixo assumiu a direção do periódico, formando uma equipe de jovens que mais tarde teriam um desempenho marcante na vida mineira e nacional. Entre eles figuravam Leal Costa, José Maria Alkmin, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, Francisco Negrão de Lima, Manuel Teixeira de Sales e Jair Silva.

O objetivo inicial dos fundadores da nova folha era muito mais dotar a imprensa mineira de um periódico que imprimisse novos padrões jornalísticos em Belo Horizonte do que criar um órgão engajado nas lutas políticas. Assim, durante seus primeiros meses de existência, o *Estado de Minas* limitou-se a noticiar as discussões iniciais em torno da sucessão de Washington Luís na presidência da República, sem optar por uma definição clara.

Ao se iniciar o ano de 1929, Juscelino Barbosa desfez-se de sua parte no jornal, ficando a empresa sob a responsabilidade de Pedro Aleixo e Álvaro Mendes Pimentel. A partir desse momento, o jornal começou a definir com maior nitidez sua linha política. Ainda no primeiro semestre, o *Estado de Minas* deu total cobertura à campanha lançada pelo presidente estadual Antônio Carlos Ribeiro de Andrada em favor do voto secreto. Com a vacância de um lugar no Conselho Deliberativo de Belo Horizonte — cargo, aliás, não remunerado e sem grande significação política —, realizou-se a primeira experiência de voto secreto no país, com grande repercussão nacional. O *Estado de Minas* apoiou a candidatura do professor José de Magalhães Drummond, que concorria com o jovem

advogado Jair Negrão de Lima, apoiado pelo então prefeito da capital, Cristiano Machado. Em 15 de junho de 1929, já inclinado para as causas oposicionistas, o *Estado de Minas* transformou-se numa sociedade anônima, cujo controle acionário foi adquirido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Proprietário na época dos primeiros órgãos do que viria a ser a cadeia dos Diários Associados, Chateaubriand entregou a direção do jornal a Dario de Almeida Magalhães, que, na primeira reunião, nomeou Milton Campos redator-chefe, Tancredo Neves secretário de redação, Pedro Aleixo presidente da empresa e José Maria Alkmim gerente.

As causas dessa transferência de propriedade têm sido alvo de controvérsias. Segundo Teódulo Pereira, o *Estado de Minas* teria trocado de mãos para evitar a falência, e também para que fosse possível imprimir ao matutino uma orientação mais comprometida com a Aliança Liberal. Existe ainda a versão segundo a qual a compra do jornal teria sido fruto de um acordo secreto entre Chateaubriand e o presidente Antônio Carlos, pelo qual o dinheiro investido na transação seria utilizado na compra de armas para a campanha da Aliança Liberal, já que Minas não tinha condições financeiras para arcar com o ônus de uma possível revolução armada. Independentemente das diferentes versões, o fato é que o *Estado de Minas* em sua nova fase caracterizou-se por um absoluto engajamento na campanha da Aliança Liberal.

Em janeiro de 1930, foi inaugurada uma nova sede do jornal, na avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte. Após a derrota de Getúlio Vargas nas eleições de março, o jornal encampou a solução revolucionária, dando total apoio ao movimento armado de outubro de 1930.

DE 1930 A 1945

Com o estabelecimento do governo provisório chefiado por Vargas, o *Estado de Minas* reiterou sua solidariedade aos revolucionários e confirmou seu apoio ao presidente estadual Olegário Maciel, mantendo-se neutro perante as disputas que dividiam o Partido Republicano Mineiro (PRM). Entretanto, à medida que o governo provisório estendia sua vigência, o jornal — seguindo orientação de Chateaubriand — iniciou uma campanha contra Vargas, apoiando mais explicitamente os setores do PRM ligados a Artur Bernardes e vendo com simpatia a Revolução Constitucionalista de 1932.

Com a derrota dos constitucionalistas, Chateaubriand foi obrigado a deixar o país. Nesse momento Dario de Almeida Magalhães foi chamado ao Rio de Janeiro para assumir a direção de *O Jornal* (principal órgão dos Diários Associados), passando a direção do *Estado de Minas* a Afonso Arinos de Melo Franco no início de 1933. Diante da convocação de eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em maio de 1933 e da instalação de um governo constitucional no ano seguinte, o *Estado de Minas* voltou a se aproximar da situação, apoiando Vargas no combate às forças esquerdistas que em 1935 se organizariam na Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Essa grande afinidade com o governo iniciada em 1933 — emanada da direção dos Diários Associados — iria contudo a promover novas alterações na direção do jornal. Com a morte de Olegário Maciel em setembro de 1933, dois nomes se apresentaram para assumir a interventoria mineira: de um lado, Gustavo Capanema e, de outro, Virgílio de Melo Franco, irmão de Afonso Arinos. Fugindo à expectativa, Getúlio Vargas nomeou para o cargo Benedito Valadares. Decepcionado, Afonso Arinos passou a criticar o novo interventor em seus editoriais, o que o levou pouco depois a renunciar à direção do jornal. Permanecendo no Rio de Janeiro, Dario de Almeida Magalhães reassumiu a direção do *Estado de Minas*, sendo representado em Belo Horizonte por seu irmão Petrônio de Almeida Magalhães, que manteve uma linha favorável ao governo.

Embora fizesse algumas restrições a Vargas, o jornal encarou o golpe que instaurou o Estado Novo (10/11/1937) como um movimento patriótico, e considerou que a nova ordem política então estabelecida se adequava às necessidades do país. Essa posição de apoio à situação foi mantida durante quase todo o Estado Novo, tendo o jornal aplaudido as principais iniciativas governamentais e mantido relações cordiais com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Em fevereiro de 1938, o jornal passou por uma reforma gráfica e adquiriu maquinaria nova e mais moderna, substituindo a linotipo Marinoni pela rotativa Speed King. No mesmo mês, foi inaugurado o primeiro prédio construído para ser a sede do jornal.

Ao despontarem os primeiros sintomas de contestação ao governo de Vargas, o *Estado de Minas* também começou a esboçar posições oposicionistas. O *Manifesto dos mineiros* de 1943 recebeu total apoio do jornal, e a partir daí todas as iniciativas de luta pela redemocratização do regime — como as campanhas pela saída de Vargas e pela

convocação de uma constituinte — foram encampadas pelo periódico.

Com o lançamento das candidaturas à presidência da República em 1945, o jornal apoiou o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da União Democrática Nacional (UDN), sem deixar contudo de reconhecer os méritos de seu adversário, o general Eurico Gaspar Dutra, indicado pelo Partido Social Democrático (PSD). Após a vitória deste último, o *Estado de Minas* viu com simpatia o novo governo, empenhado, a seu ver, em promover a conciliação nacional.

DE 1945 A 1964

Nas eleições estaduais de 1947, o *Estado de Minas* jornal apoiou Mílton Campos, da UDN, que concorria com José Francisco Bias Fortes, do PSD. Com a vitória do primeiro, o jornal manteve o apoio a seu governo.

Ao se aproximarem as eleições de 1950, *O Estado de Minas* mais uma vez reafirmou seu antigetulismo, apoiando as candidaturas udenistas de Eduardo Gomes para a presidência da República e de Gabriel Passos para o governo mineiro. A derrota de ambos refletiu-se de maneira diversa no jornal. Em Minas, o periódico conviveu bem com o governo de Juscelino Kubitschek, elogiando várias medidas e criticando outras de forma moderada. Já na esfera nacional, o jornal manteve uma oposição firme a Getúlio, acompanhando a orientação geral dos Diários Associados.

Nesse sentido, o *Estado de Minas* combateu toda a política econômica de Vargas, encampando — segundo Thomas Skidmore — as teses do economista Eugênio Gudin, e afirmando que “as medidas fiscais e monetárias, bem como a política do comércio exterior, deveriam seguir os princípios estabelecidos pelos teóricos praticantes da política dos bancos centrais dos países industrializados. Os orçamentos governamentais deveriam ser equilibrados e as emissões, severamente controladas. O capital estrangeiro deveria ser bem recebido e estimulado, como ajuda indispensável para um país falto de capitais”. Nessa perspectiva, a campanha pelo monopólio estatal do petróleo, popularizada através do lema “O petróleo é nosso”, foi criticada pelo jornal, como fruto de um xenofobismo que impedia a exploração rápida do petróleo nacional, possível somente com a participação do capital estrangeiro.

Essa postura de oposição ao governo Vargas foi aprofundada ao longo de 1954, quando o

Estado de Minas se engajou plenamente na campanha de denúncias contra o jornal situacionista *Última Hora* e acatou as pressões para a deposição de Vargas. Comparado a outros periódicos oposicionistas, no entanto, o jornal manteve uma posição moderada, preservando a pessoa de Getúlio e de seus familiares mesmo em momentos cruciais. Um desses momentos foi o atentado da rua Tonelero, no Rio, em 5 de agosto de 1954, no qual foi morto o major-aviador Rubens Vaz e saiu ferido o jornalista Carlos Lacerda. Enquanto toda a imprensa de oposição denunciava a participação do governo e acusava a família do presidente de envolvimento no escândalo, o *Estado de Minas*, embora clamasse pela punição dos culpados, não atribuiu à família Vargas nenhuma responsabilidade.

Com o suicídio do chefe do governo e a subida de Café Filho, o jornal manteve-se numa posição equilibrada, não se definindo com clareza diante das novas forças políticas em ascensão.

Ainda em 1954, o *Estado de Minas* adquiriu uma rotativa Mann, em quatro cores, com capacidade para rodar mais de 60 mil jornais por hora. O jornal sofreu mais uma reforma gráfica e passou a adotar o formato *standard*.

Alterando suas posições tradicionais, nas eleições de 1955 o *Estado de Minas* apoiou os candidatos do PSD José Francisco Bias Fortes, para o governo estadual, e Juscelino Kubitschek, para o governo federal. Essa nova linha determinou a atitude do jornal em relação ao movimento contra a posse de Kubitschek, cujo argumento básico era a inexistência de maioria absoluta nas eleições. O *Estado de Minas* postou-se ao lado das forças legalistas, dando seu apoio ao chamado “golpe branco” de 11 de novembro de 1955, que garantiu a posse dos candidatos eleitos.

A partir desse momento, o matutino mineiro manteve-se equidistante das lutas políticas pela renovação dos governos. Sua atuação limitou-se ao comentário moderado sobre esta ou aquela medida levada a efeito pelos diversos governos, sem qualquer envolvimento direto nas disputas sucessórias. Dessa forma caracterizou-se a linha do jornal nos anos que se sucederam.

A partir de 1962, entretanto, o *Estado de Minas* voltaria a assumir uma posição marcadamente oposicionista. Na opinião do jornal, o país encontrava-se ameaçado pelo comunismo e corria enormes riscos, urgindo a necessidade de se desencadear uma luta sistemática contra toda e qualquer medida ensaiada pelo governo de João Goulart. Nesse

contexto, o jornal passou a funcionar como um dos articuladores do movimento militar que deporia o governo, influenciando decisivamente para que se criasse entre os mineiros um clima psicológico favorável ao levante.

Em abril de 1963 foi inaugurado o serviço de radiofoto do *Estado de Minas*, e em 1964 aconteceu a primeira grande reforma gráfica do jornal, conforme o projeto elaborado pelo artista plástico Amílcar de Castro.

DE 1964 EM DIANTE

A partir do estabelecimento do novo regime, em 31 de março de 1964, o *Estado de Minas* esteve plenamente identificado com os governos revolucionários. Sua maior afinidade, entretanto, manifestou-se em relação ao governo do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ao qual o jornal deu apoio irrestrito e considerou como o mais rico em realizações. Em contrapartida, fez algumas restrições ao desempenho do general Emílio Médici, o qual, no seu entender, não deu um tratamento adequado a Minas Gerais. Essas pequenas considerações críticas em nada prejudicaram o relacionamento do jornal com os governantes oriundos das forças armadas, apoiadas e prestigiadas como responsáveis pela ordem e a integridade do país.

Em março de 1979, foi inaugurado o Parque Gráfico Geraldo Teixeira da Costa. A partir de então, o jornal passou a ser produzido todo em *off-set*, houve um aumento no número de tiragens, e a empresa passou a operar no mercado imprimindo também jornais para empresas e órgãos do governo.

Na década de 1980, o jornal teve significativo crescimento em captação de publicidade, em vendas avulsas e em número de assinantes. Em 1988 o parque gráfico foi ampliado, e em 20 de março foi impressa na capa do jornal a primeira foto colorida, mostrando o treino da seleção brasileira de vôlei.

Em março de 1991, o ex-governador de Minas Gerais (1987-1991) Newton Cardoso comprou as ações do *Estado de Minas*, que se especializara em lhe fazer oposição durante quase todo seu governo, a ponto de não publicar sequer seu nome, tratando-o como “o eventual ocupante do palácio da Liberdade”. As ações foram adquiridas de Gilberto Chateaubriand, filho de Assis Chateaubriand, que se encontrava em litígio com os demais herdeiros dos Diários e Emissoras Associados.

Em 1994, entrou em funcionamento o Tel Service, um catálogo de consultas de serviços acessado por telefonema gratuito, que ampliava o espaço para o leitor fazer sugestões e críticas ao jornal. Através desse serviço, os leitores podiam também ter acesso às notícias que não haviam entrado na edição do dia.

Em janeiro de 1995, o *Estado de Minas* iniciou outra reforma gráfica e editorial, implantando um sistema de editoração informatizada. Em janeiro de 1996, foi lançado o Net Service, de provimento de acesso à internet.

Em 1998, ainda estava em curso a batalha jurídica em torno dos direitos patrimoniais dos Diários Associados, e o *Estado de Minas* representava a única fonte razoável de dividendos dos Associados, por ser o maior diário de Belo Horizonte.

Em novembro de 2000, o jornal mudou de sede e passou a ocupar o Edifício Pedro Aleixo, em homenagem a um de seus fundadores. Em 2004, foi realizada uma nova reforma no projeto gráfico e editorial do jornal, que passou a ter três edições diárias, além de começar a ser distribuído em outros estados. Entre 2004 e 2008, o *Estado de Minas* reformulou cadernos e apresentou novos suplementos, tendo em vista atender à demanda de um público diversificado e com interesses específicos.

Em março de 2008 o jornal mineiro comemorou 80 anos e, como parte das comemorações, lançou um novo caderno voltado especificamente para o público jovem de 13 a 19 anos, o Ragga Drops, que começou a circular na edição do dia 28 de fevereiro.

Marieta de Moraes Ferreira

FONTES: ENTREV. ANDRADE, M.; ENTREV. COSTA, C.; ENTREV. PEREIRA, T.; *Estado de Minas* (12/3/1974, 2, 16/4/1977); *Imprensa* (43); Portal da Propaganda. *O Estado de Minas completa 80 anos*. Disponível em: <<http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/propaganda/2310-estado-de-minas-completa-80-anos.html>>. Acesso em: 17/12/2009; *Veja* (4/2/1998).